

VAMOS FALAR SOBRE EDUCAÇÃO EMOCIONAL? O USO DO FILME “DIVERTIDA MENTE” COMO DISPOSITIVO PARA O (A) PSICÓLOGO (A) ESCOLAR

Daniela Pereira Batista de Paulo Santos¹

Universidade Estadual da Paraíba
Unipê- Centro Universitário de João Pessoa
E-mail: daniela_psicologia@hotmail.com

Orientadora/supervisora Prof. Ms. Joana Darc Pereira de Sousa.

Universidade Estadual da Paraíba- UEPB
E-mail: joannapsousa@gmail.com

Resumo: Há uma urgência em se trabalhar a educação emocional e a escola tem sido considerada um dos ambientes facilitadores para tal. Um dos objetivos desta educação é o trabalho com emoções que limitam o potencial do indivíduo buscando torná-lo mais assertivo. O objetivo do artigo é relatar duas intervenções realizadas durante o período de estágio em uma turma de quarto ano de uma escola municipal de ensino fundamental da cidade de Campina Grande- PB. Participaram da primeira intervenção (exibição do filme Divertida mente) vinte e sete discentes, sendo doze meninas e quinze meninos e da segunda intervenção (reflexão sobre o filme) vinte e oito discentes destes quatorze foram meninas e quatorze meninos. O objetivo das intervenções foi trabalhar o emocional das crianças imersas em vulnerabilidades sociais e consideradas pela a escola como a “pior” turma. Para atingir tal finalidade utilizou-se em um primeiro momento o filme “Divertida mente” como dispositivo aliado na promoção de momentos em que se trabalharia a educação emocional. No segundo momento utilizou-se oito cenas retiradas do filme através da técnica *Print Screen* e foi promovido momentos de reflexões embasadas tanto no filme quanto na teoria da educação emocional. As intervenções foram consideradas como trabalhos exitosos, além do que se considera que tenham servido de espelho tanto para a professora repensar suas práticas quanto para as crianças auxiliarem seus familiares, sobretudo, seus pais a lidarem com suas próprias emoções e as da criança, visto que presumivelmente estes pais não tiveram algum trabalho com educação emocional.

Palavras-chave:

Educação emocional, Filme Divertida Mente, Emoções, Psicologia escolar e educacional.

INTRODUÇÃO

Por muito tempo um indivíduo “emotivo” ou que tinha facilidade de expressar suas emoções foi considerado como alguém frágil e “irracional”, devido a crença de que a emoção se sobressaltava a inteligência. Expressar as emoções então era considerado ausência de inteligência, uma vez que toda a pessoa inteligente não era emotiva, pois, agia com a razão. Durante o período que predominou essa concepção acreditava-se que inteligência e emoção não se correlacionavam, eram forças opostas, muito embora as teorias evolucionistas de Darwin já destacavam o papel das emoções como auxiliar no processo de adaptação e sobrevivência. Hoje sabe-se que as emoções são dá ordem sociocognitiva e é uma das possibilidades de promover a neuroplasticidade cerebral.

As pesquisas de Damásio (1994; 1996; 2000) contestam a ideia de que para a inteligência ser potencializada seja necessário a ausência de emoção. Wedderhoff (2007)

destaca que pesquisas recentes têm mostrado que as emoções estimulam a cognição. Esse mesmo autor frisou que a partir do século XVII os psicólogos passaram a considerar que a mente era dividida por três partes: **cognição** (memória, raciocínio, julgamento e abstração); **afeto** (emoções, humor e sensações) e a **motivação** (instintos e aprendizado adquirido, sobretudo, os comportamentos). Com base em vários autores Cardeira (2012) corrobora com essa concepção e salienta que essas três partes que formam a mente precisam estar correlacionadas para que haja níveis de melhoramento no processo de ensino-aprendizagem. Assim, sendo, apenas a estimulação da cognição (ou das outras individualmente- afeto e motivação) não garante resultados satisfatórios. Quando as emoções são renegadas e não são trabalhadas (sobretudo, com o auxílio da educação emocional) elas tendem a ter efeitos desagregadores para o pensamento/cognição.

Wedderhoff (2007) frisou que o desenvolvimento emocional se dá em três fases: a primeira é a **aquisição** (quando o indivíduo sente e percebe as emoções- essa fase é caracterizada pela interpretação pessoal dada as emoções); a segunda é o **refinamento** (nessa fase o meio social e cultural vai modificando a percepção das emoções e a forma de expressá-las) e a última fase é chamada de **transformações** (ou seja, depois que o indivíduo adquire e passa pela a influência do meio social e cultural, há uma reformulação na forma de pensar, sentir suas emoções e agir com base nelas sobre determinadas situações).

Além dessas fases do desenvolvimento das emoções, há também a categorização discutida por Damásio (1996). Para esse autor as emoções podem ser **primárias** (ou também chamadas de universais, pois, pesquisas apontam que elas estão presentes em todas as culturas); **secundárias e de fundo**. As emoções (medo, raiva, alegria, tristeza e nojo) que foram abordadas no filme “Divertida mente” são todas pertencentes a primeira categoria (primária). As emoções secundárias variam de cultura para cultura e sua significação é dada através da aprendizagem e interação social. Fazem parte da segunda categoria: ciúmes, inveja e timidez. Já as emoções de fundo são mais elaboradas pois, envolvem o pensamento, a memória e a volição do indivíduo. Segundo Damásio (1996) esse tipo de emoção pode gerar tensão ou bem-estar e está ligado ao estado interno do indivíduo fazendo com que possa manter essa emoção por muito ou pouco tempo. Quando mantida por muito tempo pode gerar diferentes tipos de humor como por exemplo, excitação, tensão, descontração, arrebatamento, desinteresse, estabilidade-desestabilidade, equilíbrio- desequilíbrio, harmonia.

Para além das fases de desenvolvimento emocional e a categorização já discutida, Alzina (2000) também ressalta o caráter ambíguo das emoções. Uma vez que uma mesma

emoção pode ter caráter tanto negativo quanto positivo. Com base nessa afirmação acreditamos que se faça necessário analisar o contexto (onde, como e por que) que essas emoções foram expressas. Alzina lembra ainda que é possível expressar uma emoção apropriada em um determinado contexto, mas, em intensidade demasiada. Por isso, a importância de se trabalhar as emoções pois, além delas exercer influência sobre o funcionamento psicológico, exerce também sobre o sistema fisiológico (tônus musculares, expressões faciais, tom de voz, rubor, etc.) atingindo então a cognição e o comportamento, assim sendo, mesmo que a emoção esteja apropriada a intensidade poderá agir de forma negativa no comportamento (a forma de se expressar) e na cognição (a forma de sentir).

Isto posto, considera-se que a educação emocional seja de suma importância para se trabalhar as emoções, sobretudo, na fase da infância e na transição para a adolescência, visto que nessa faixa etária não há habilidade para manejar as emoções como pressupõe-se que exista na fase adulta (quando há um desenvolvimento integral considerado “normal”).

A educação emocional é relativamente nova. Segundo Cardeira (2012) os pioneiros foram John Mayer e Peter Salovey na década de 1990 (a chamada década do cérebro- com os estudos das neurociências). A educação emocional também conhecida como inteligência emocional ganhou destaque na mídia em 1995 com a publicação do livro *Inteligência Emocional* de Daniel Goleman. Nesta obra ele desenvolveu sua teoria que leva o nome do livro.

Outro nome que fundamentou a existência da educação emocional segundo Wedderhoff (2007) foi Howard Gardner com sua teoria das inteligências múltiplas. Essa teoria refutava as inteligências linguística e lógico-matemático como as únicas superiores. Gardner abordou mais sete tipos de inteligência (corporal-cinestésica; espacial; existencial; interpessoal; intrapessoal; musical; naturalística) para além das duas citadas anteriormente.

Segundo Wedderhoff (2007) um dos objetivos da educação emocional é tornar o indivíduo mais inteligente emocionalmente. Alzina (2000) considera que outro objetivo da educação emocional é trabalhar todas as emoções, sobretudo, quando elas limitam o indivíduo de cumprir suas metas. Sendo assim, Ramos (2007) considera que a educação emocional tem função pragmática pois, trabalha no sentido de ação cotidiana.

Justamente por essa função pragmática e ação sobre o cotidiano é que a educação emocional deve ser uma das funções da educação formal, portanto, daquela que é desenvolvida na escola além da parceria com a família (WEDDERHOFF, 2007). Para esse autor a escola é um verdadeiro laboratório de interação e por isso é um dos ambientes mais indicados para ser trabalhado a educação emocional.

Por destacar a escola como um dos ambientes facilitadores da educação emocional, o autor supracitado também recomenda que o educador seja sensível para transpor as barreiras interpostas pela sala de aula, e acrescentaríamos também a flexibilização do currículo engessado que algumas escolas ainda insistem em ter (o que não é o caso da escola em que relataremos as intervenções).

Cardeira (2012) ainda recomenda que o mediador que se propor a trabalhar com educação emocional trabalhe antes de tudo sua própria emoção, recomendaríamos também seus pensamentos e concepções de dinâmicas familiares. Acredita-se que para se trabalhar com educação emocional é preciso haver autenticidade em suas intervenções e reflexões. Santos (2000) sugere que o mediador tenha formação específica e preferivelmente com orientação de um psicólogo com especialidade em emoções.

Goleman (2003) ressaltou que a escola precisa entender que assim como acreditam que os discentes precisam ter domínio em matemática e outras disciplinas, a vida emocional também deve ser “dominada”, pois, diferentemente do QI (Quociente de inteligência- que é algo inato) que não se altera pelas experiências educacionais, a inteligência emocional, sim.

Portanto, para além de um recurso a ser usado na educação formal, a educação emocional deveria ser o alicerce daquela, pois, segundo Wedderhoff (2007) as emoções quando bem elaboradas facilitam o ato de pensar e de planejar, o que consideramos fundamentais para a abstração e aquisição da aprendizagem. Embora nesta discussão venha-se demonstrando os benefícios de se trabalhar a educação emocional Wedderhoff (2007) salienta que ela não pode ser considerada como modismo, autoajuda ou uma fórmula miraculosa para a resolução de todo e qualquer problema relacionado a educação, outrossim, a educação emocional não se limita ao autocontrole das emoções.

Ademais, o objetivo deste artigo é relatar duas intervenções que foram realizadas embasadas na compreensão da educação emocional e tendo como dispositivo de promoção para tal o filme “Divertida mente”.

METODOLOGIA

O estágio realizou-se em uma turma de quarto ano de uma escola municipal da cidade de Campina Grande- PB no turno da manhã. A turma era composta por trinta e cinco crianças com idades entre nove e dez anos.

Os recursos didáticos utilizados foram: colchonetes, televisão, aparelho de DVD e de som, notebook, aparelho retroprojetor, recortes de imagens dos filmes (*print screen*), pen drive.

As intervenções aconteceram em dois momentos distintos. O primeiro dia destinou-se a exibição do filme com duração de aproximadamente uma hora e cinquenta minutos e na segunda intervenção foi feito um momento de reflexão com aproximadamente uma hora de duração.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A turma alvo das intervenções aqui relatadas foi demandada para a estagiária pela a gestão da escola durante as primeiras conversas sobre o trabalho que seria realizado durante o estágio. A turma foi apontada como a “pior” da escola, com características de rebeldia, indisciplina, agressividade, e violência etc. Após a conversa a estagiária disse que iniciaria as observações naquela turma. Tal decisão foi embasada nas concepções de Neves (2011) que considera que o psicólogo escolar não pode atender as demandas apresentadas pela escola sem questionar, sem dialogar com os demais atores, e sem implica-los no processo, nem tão pouco recusar totalmente, mas sim ouvir e ressignificar.

No início das observações a estagiária teve dificuldades para estabelecer um vínculo com as crianças, pois, não lhes davam abertura e eram arredias as suas tentativas de aproximação. A professora e a gestão estavam ansiosas para que as intervenções começassem, mas, a estagiária salientou que precisava desenvolver junto à turma uma relação de confiança e aceitação, pois, já eram um grupo estabelecido com necessidades reais e que por isso ela não poderia chegar com algo pronto e acabado sem considerar a dinâmica da turma.

Ao total foram realizadas oito observações sistemáticas e durante esse período constatou a presença das demandas ou queixas endereçadas pela a escola (indisciplina, agressividade, bullying, rebeldia) além de outras percebidas pela a estagiária como por exemplo, a necessidade de se promover uma cultura de paz, a promoção de valores, trabalhar suas histórias de vida em todas as dimensões- sociais, políticas, culturais, econômicas, familiares-, além da necessidade de se trabalhar o emocional daquelas crianças, tão marcado pelas vulnerabilidades que lhes cercavam, mas, que não era percebida ou não eram trabalhadas por que o foco era a dimensão cognitiva do processo de ensino-aprendizagem.

Após as observações a estagiária conversou com a gestão sobre a disponibilidade de equipamentos e demais espaços da escola para a realização destas intervenções e com a professora sobre a temática do filme. Salienta-se que embora a escola não tivesse desenvolvido nenhum trabalho sistemático desse tipo, concedeu total apoio a estagiária.

A seguir serão relatadas as intervenções realizadas com base no filme *Divertida mente* e que tiveram como objetivo trabalhar o emocional dessas crianças imersas em diversas vulnerabilidades sociais.

Primeira intervenção- A exibição

A escolha do filme foi bastante difícil pois, a estagiária ressentiu-se de que eles não compreendessem o que de fato ele retratava, assim sendo, durante alguns dias ela foi até a sala de aula dizer que iria passar um filme que abordaria o funcionamento da mente e do psicológico das pessoas e que a personagem principal era uma criança. Toda a história seria em volta de cinco emoções: alegria, medo, tristeza, raiva e nojo. Eles perguntaram como era o nome do filme e ela disse, então, dos trinta e cinco discentes, apenas quatro disseram já ter assistido. O que fez a estagiária lembrar do conceito de *capital cultural* e conseqüentemente da *violência simbólica* de Pierre Bourdier (1989). Após o comunicado eles ficaram bastantes ansiosos aguardando o dia da exibição.

Sobre o delineamento para a execução desta intervenção, foi utilizada a sala de informática disponibilizada pela a escola e nesta continha aparelho de televisão, de DVD, de som e colchonetes que foram distribuídos na sala pela a estagiária a fim de que cada criança ficasse bem acomodada. Antes de levá-los até a sala onde seria exibido o filme a estagiária fez mais uma vez um resumo breve sobre o que o filme abordaria.

Participaram desta primeira intervenção vinte e sete discentes, sendo doze meninas e quinze meninos. De modo geral, eles ficaram atentos, se divertiram muito com o filme e estavam concentrados, uma das meninas levou um caderno para fazer anotações sobre o filme, o que demonstrou o grau de importância que eles estavam dando a intervenção.

Segunda intervenção- A reflexão

Para a exibição das cenas que seriam trabalhadas foi utilizada a técnica *Print screen* que consiste na captura da tela, assim sendo, a estagiária assistiu ao filme mais uma vez e selecionou oito cenas que seriam trabalhadas com as crianças, após a seleção foram criados slides com as cenas. Participaram dessa segunda intervenção vinte e oito crianças, sendo quatorze meninas e quatorze meninos.

Antes de relatarmos as cenas e as reflexões trabalhadas se faz necessário fazer um breve resumo sobre o filme. Este contava a história de uma menina que era muito feliz com seus pais e amigos na cidade em que morava (Minnesota-E.U.A), mas seu pai recebeu uma proposta de emprego e eles precisaram morar na cidade de São Francisco. Ela era uma criança de sete anos e só tinha vivido até o momento a emoção da alegria (embora tivesse em sua mente uma sala

de comando com presença de outras emoções como a tristeza, o medo, a raiva e o nojinho) e sempre que as outras emoções surgiam ela sabia contornar a situação e continuava feliz. Por ser uma criança muito positiva tinha boas expectativas em relação à mudança para outra cidade.

No entanto, quando lá chegou não gostou da cidade, da casa, da nova escola, do novo time de hockey e não conseguiu fazer novas amizades. Sentia muitas saudades de tudo que deixou em Minesota. Começou a ficar triste com a situação, mas, sua mãe pediu que ela incentivasse seu pai, pois, ela era o principal motivo dele enfrentar tudo. O tempo foi passando e ela não conseguiu mais ser uma criança feliz, e foi deixando que o medo, a raiva, a tristeza e o nojo tomassem conta de sua mente. O filme vai retratando como ficou a relação entre ela e seus pais e como ela sofria psicologicamente sem saber lidar com as novas emoções. Além disto, ela estava saindo da fase de criança e entrando na adolescência o que foi contribuindo para suas dificuldades de lidar com as emoções.

Segue o relato das cenas e das reflexões suscitadas.

As oito cenas utilizadas nos slides contaram com a introdução de um dos recursos do Power Point 2016 chamado animações (*surgir*) assim sendo, à medida que as cenas apareciam e as crianças lembravam o que tinha acontecido a frase criada pela a estagiária e que nomeava a cena aparecia para confirmar ou refutar o que as crianças tinham dito. Algumas cenas foram nomeadas com as mesmas frases utilizadas pelos personagens do filme, outras foram reconstruídas embora, a estagiária considerasse o contexto que as crianças relatavam sobre a cena.

Na primeira cena nomeada de **“O amigo ouve o outro na tristeza”** mostrava quando a emoção “tristeza” encontrou com o amigo imaginário de Riley (principal personagem do filme). Esse amigo imaginário estava triste por que fazia algum tempo que a menina não o chamava mais para brincar, então, a emoção tristeza abraçou o amigo imaginário e disse que sabia o que ele estava sentindo, logo a estagiária disse que um amigo tinha que fazia isso, sempre que outro amigo estivesse triste, que se fazia necessário demonstrar solidariedade e companheirismo.

Na segunda cena **“Conversar com os pais”** a estagiária mostrou a cena que Riley disse aos pais que eles não tinham conversado com ela sobre a mudança de Minesota para São Francisco, e que eles não pediram a opinião dela sobre isso. Então a estagiária aproveitou para dizer que todas as vezes que a criança estivesse sentindo alguma emoção, sentimento, afeto ou incomodada com alguma coisa que elas não conseguissem lidar, conversassem com seus pais, pois, muitas vezes eles não percebiam o que a criança estava sentindo. A estagiária tentou mostrar que o melhor caminho era o diálogo familiar.

Todavia Goleman (2003) e Cardeiras (2012) destacaram que o mundo globalizado e industrializado, a inserção das mulheres/mães no mercado de trabalho, além das novas configurações familiares tem afetado algumas dinâmicas familiares e a gestão do tempo para a criação dos filhos. Há uma urgência na produtividade e no sustento da família, mas, proporcionalmente há uma diminuição em atender algumas necessidades da criança, sobretudo, as afetivas/emotivas, foi o que aconteceu com a personagem do filme. Devido a essas necessidades das famílias Goleman (2003) acredita que seja responsabilidade da escola trabalhar a educação emocional, embora, essa ainda insista em focar na dimensão cognitiva.

A estagiária por diversas vezes conversou com a professora e com a gestão buscando encontrar caminhos para realizar alguma intervenção com os pais/cuidadores e/ou responsáveis e as crianças (pensou-se em uma gincana onde os filhos seriam ajudados pelos os pais e concorreriam a prêmios, para que fosse trabalhado a questão do quanto as crianças precisam deles), todavia, os atores escolares disseram que já haviam tentado de todas as formas e as famílias não se faziam presentes, sobretudo, as daquela turma. Depois de ouvir e insistir com os atores escolares sem sucesso para a promoção dessa intervenção com os familiares a estagiária decidiu que trabalharia apenas com as crianças e que de alguma forma aquelas famílias seriam beneficiadas. A estagiária embasou-se nas concepções de Neves (2011) quando esta ressalta que se a família for chamada a escola para conversar ou intervir em alguma queixa e ela se recusar a escola não deve ser negligente com a formação dessas crianças e para tal pode contar com a ajuda do psicólogo escolar, embora se faça necessário ressaltar que neste caso elas não foram sequer chamadas, a estagiária não encontrou motivações nos atores escolares e sozinha não conseguiria.

A principal queixa da professora era a de que ela não conseguia “repassar” os conteúdos planejados, eles não faziam as atividades extraclasse e nem as de classe e enquanto isso a estagiária percebia a necessidade de se trabalhar as emoções e acreditava que quando isto acontecesse o processo de ensino-aprendizagem, motivação e na cognição seria estimulado. A urgência da turma era a demanda emocional, as outras relatadas pela a escola e a professora eram consequências. Para ilustrar o nível de carência da turma e de algumas crianças em específico em uma das observações que foi realizada uma das meninas da turma disse a estagiária: *“Tia, eu queria que tu fosse minha mãe, tu é tão boazinha!”*, somente por que ela estava sendo investida de tempo, atenção, afeto e respeito.

Voltando ao relato das cenas. Na terceira cena **“O comando apenas de uma emoção (alegria) ”**. A estagiária refletiu com eles que ninguém era feliz sempre, sobretudo, quando

estamos entrando na fase da adolescência (por ser uma fase considera com a necessidade de afirmação da identidade e ao mesmo tempo crise dela) e experimentamos a combinação das emoções básicas que irão se tornar complexa (CARDEIRA, 2012). Um exemplo dessa combinação de emoções aconteceu em outra intervenção quando uma das meninas que era vítima de racismo e preconceito devido a sua cor, raça e dinâmica familiar estava chorando (**emoção-tristeza**) por que um menino da sala havia dito que seu cabelo (crespo) era uma fábrica de piolhos. Ao perceber que ela chorava a estagiária se aproximou e perguntou o que houve, assim que ela relatou a estagiária lhe disse que ela era linda do jeito que era e seu cabelo fazia parte de sua identidade por isso, ela deveria se sentir linda e maravilhosa, ela timidamente sorriu e ficou olhando para a estagiária como se estivesse agradecendo. Nota-se que em uma única situação ela sentiu tristeza, alegria (emoções básicas) e timidez (emoção secundária) conforme as explicações de Damásio (1996). Outra ocasião que pode ilustrar essa concepção de Cardeira (2012) sobre a combinação das emoções foi quando em uma das observações dois meninos brigavam entre si (emoção- raiva) e pouco tempo depois estavam brincando juntos e se divertindo alegremente (emoção-alegria). Ainda sobre a questão de não saberem lidar com outras emoções complexas a estagiária disse aos discentes que quando eles estivessem confusos procurassem ajuda de alguém para expressar o que estavam sentindo.

Na quarta cena “**Fugir de casa**” a estagiária lembrou com eles quando Riley fugiu de casa e perguntou se alguém da sala já tinha tido essa vontade, umas cinco crianças levantaram as mãos e afirmaram que sim, a estagiária ficou preocupada com essa quantidade de crianças e disse que sempre que eles pensassem nisso conversassem com seus pais. Lembrou a eles sobre os perigos de saírem de casa sem destino e a questão da violência urbana (sempre adequando o discurso a faixa etária deles). Provavelmente sempre que pensavam em fugir de casa estavam sendo motivados pela raiva e tristeza e como consequência pensavam impulsivamente e negativamente. A estagiária refletiu com eles que todos os seres humanos precisavam experimentar todas as emoções para que se desenvolvessem completamente.

Na quinta cena “**Medo de falar em público**” a estagiária relembrou com eles o quanto à menina teve medo de se apresentar para seus novos colegas de classe e a professora. A estagiária perguntou se eles tinham medo de falar em público, e alguns disseram que sim, assim sendo, a intervencionista disse que esse medo precisava ser superado (essa cena foi essencial para a estagiária trabalhar com eles sobre isso, pois, em outras intervenções quando ela pediu para eles falarem, eles se recusavam).

Na sexta cena **“Não enche!”** Eles lembraram que foi quando Riley estava discutindo com o pai. A estagiária perguntou se falar daquela forma com os pais era correto. Havia na sala dois irmãos gêmeos, logo, um deles disse: *“Não tia, tem que ter respeito. Tá vendo Marcos (nome fictício) o que tia tá dizendo? Tem que respeitar os pais.”* A estagiária percebeu que eles estavam entendendo o sentido da intervenção, que era fazê-los refletir sobre suas emoções, sentimentos, comportamentos e a dinâmica familiar, uma temática bastante pedida pela a professora, a escola e percebida pela a estagiária. A intervencionista lembrou a eles que naquela hora o pai foi tomado pela emoção da raiva e colocou Riley de castigo, mas, depois sentiu-se culpado. O filme também mostrou o funcionamento psicológico dos pais, demonstrando que os adultos sentem as mesmas emoções das crianças, contudo, espera-se que elas sejam mais elaboradas.

Na sétima cena **“Os pais também precisam de apoio”** a estagiária refletiu com as crianças que assim como eles precisavam do apoio dos pais, estes também precisavam do deles. E por último na oitava cena **“Os pais também precisam ser perdoados”** a estagiária falou sobre a importância do perdão aos pais, por que às vezes eles também erravam e somente o perdão faria com que todos ficassem bem novamente dentro do lar e das relações familiares. Por fim, a estagiária agradeceu a participação de cada um. Essas duas últimas cenas refletem o que Alzina (2000) ressaltou, a saber que a educação emocional trabalhada em casa e na escola resulta na extrapolação para outros contextos, tornando o indivíduo assertivo, assim sendo, considerando que a educação emocional é algo novo e presumindo que os pais dessas crianças não tiveram, acreditamos que essas crianças poderão servir-se dessas reflexões promovidas durante essa intervenção e assim dialogarem com seus pais para auxiliá-los na compreensão das emoções no contexto familiar.

Ainda sobre a importância de se trabalhar educação emocional na escola Cardeira (2012) salienta que dos seis anos aos onze (faixa etária em que eles se encontravam, pois, tinham de nove a dez anos) as experiências vivenciadas na escola (positivamente ou negativamente) marcarão as suas memórias.

CONCLUSÃO

Wedderhoff (2007) considerou que há muito tempo a escola vem perdendo seu status de “educadora”, e ganhando o de “instrutora” com foco quase que exclusivamente (salvo algumas exceções) na formação acadêmica com o objetivo de preparar mão de obra para o mercado. Todavia, Goleman (2003) ressaltou que os indivíduos que são capazes de lidar com as frustrações e controlar suas emoções, são também os que são mais bem-sucedidos em relações

peçoais e profissionais o que mais uma vez evidencia a importância de se trabalhar o emocional.

Os benefícios de se trabalhar as emoções não se restringem apenas a essas conquistas, mas, segundo Alzina (2000) educar emocionalmente é promover condutas construtivas e prevenir contra condutas destrutivas como por exemplo, violência familiar, prostituição, toxicodpendência, depressão, automutilação, ansiedade, distúrbios alimentares, estresse e até o suicídio infanto-juvenil. Já Carneira (2012) pontou que há uma relação entre o trabalho da educação emocional e a redução do fenômeno do bullying, e nessa turma isso de fato aconteceu quando a estagiária começou a trabalhar as emoções e ouvir mais aquelas crianças. Sempre nas segundas feiras elas queriam contar o que tinha acontecido nos seus finais de semana e com as suas famílias, elas estavam se sentindo acolhidas, respeitadas, ouvidas. Algumas vezes a estagiária repassava para a professora e a gestão algumas histórias para que todos ficassem sabendo do contexto social, familiar, emocional, econômico, etc. que envolviam as histórias daquelas crianças e que acabavam influenciando nos seus comportamentos na sala de aula.

Carneira (2012) considera que a educação emocional deve ser trabalhada regularmente e permanentemente. Acredita-se que essas e outras intervenções tenham servido de suporte para que a professora venha repensar suas práticas. Em uma das conversas que a estagiária teve com a professora da turma esta relatou que por vezes desejava sentar com as crianças e ouvir a história de cada uma e depois disso fazer estudos de caso a estagiária a estimulou para que de fato ela fizesse isso (espera-se que ela tenha obtido êxito). Uma das sugestões de Carneira (2012) para a escola “ter tempo” de trabalhar a educação emocional é utilizar as horas que foram acrescentadas ao currículo. Nesta escola por exemplo, onde as intervenções foram realizadas as aulas tinham duração das 07h:00 min às 11h: 20 min da manhã, além de outros projetos que aconteciam no turno da tarde, nestes poderiam ser acrescentados conteúdos sobre a inteligência emocional.

Ademais, ressalta-se que o filme contribuiu para desmistificar a concepção de que a alegria é a única emoção principal que o ser humano deve sentir. Contribuiu também para a reflexão de que cada indivíduo possui uma forma peculiar de expressar suas emoções, embora as primárias sejam universais.

Destaca-se que essas duas intervenções estimularam a concentração, a memória e a atenção e promoveram a reflexão da expressão de sentimentos e emoções e da dinâmica familiar. Todavia, se faz imprescindível acrescentar que conforme Carneira (2012) não existe um único modelo de trabalho com educação emocional, o que existem são trabalhos que tiveram

resultados exitosos e acredita-se que essas intervenções tenham sido um deles. A mesma autora ainda salienta que cada escola possui sua particularidade e identidade, portanto, é necessário que o interventor a conheça para que realize um trabalho autêntico.

Por fim, considerando que as teorias sobre emoções são amplas e que o interventor deve considerar as características de seu público alvo, apesar de termos descrito as reflexões suscitadas das cenas escolhidas do filme *Divertida mente*, compreendemos que elas podem ser analisadas e refletidas sob outras perspectivas, além do que outras cenas podem ser escolhidas, assim sendo, recomenda-se que novas intervenções sejam desenvolvidas embasadas neste filme.

REFERÊNCIAS

ALZINA, R. *Educacion y bienestar*, Barcelona: Editorial Práxis, S.A, 2000;

BOURDIEU, P. Et al. *O poder simbólico*. 1989;

CARDEIRA, A. "Educação Emocional em Contexto Escolar." *Portal dos Psicólogos*, 2012;

DAMÁSIO, A. "O erro de Descartes". Mem Martins: Publicações Europa – América; 1994;

_____. "O Erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano". São Paulo: Companhia das Letras, 1996;

_____. *O Mistério da Consciência: do corpo e das emoções do conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000;

GOLEMAN, D. *Inteligência emocional*. Lisboa. Temas editoriais, 12º edição, 2003;

NEVES, M. M. B. DA J. Queixas escolares: conceituação, discussão e modelo de atuação. In: C. M. Marinho-Araújo, *Psicologia Escolar: identificando e superando barreiras*. Campinas: Átomo e Alínea p. 175-214, 2011;

RAMOS, I. Medição da eficácia do treino de competências da inteligência emocional. Dissertação de mestrado apresentada no Departamento de Ciências da educação da Universidade de Aveiro para obtenção do grau de mestre em Activação do desenvolvimento psicológico orientada pelo Professor Dr. Carlos Fernandes da Silva, 2007;

SANTOS, J. de O. "Educação emocional na escola: a emoção na sala de aula." *Salvador: Faculdade Castro Alves*, 2000;

WEDDERHOFF, E. "Educação emocional: Um novo paradigma pedagógico?." *Revista Linhas* 2.1, 2007.